

# **PROJETO INTERDISCIPLINAR: “CULTURA, ARTE E ORGULHO 2025 – MULHERES NEGRAS E SUAS GRANDES CONTRIBUIÇÕES NA CIÊNCIA”**

## **ESCOLA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL DOM LUIZ DE NADAL**

### **1. IDENTIFICAÇÃO**

**Escola:** Escola Municipal de Educação Infantil Dom Luiz de Nadal

**Ano de execução:** 2025

**Autores:** Isis Oliveira de Sena e Caio Arroxelas.

**Orientadores:** Jaqueline Bernardo Maciel e Sabrina de Souza Lucena.

**Coordenação pedagógica:** Andreia Marques Rodrigues

**Direção:** Denise dos Santos Inhaia e Giovanna da Rosa.

**Setor de Tecnologia e Inovação:** Aline Bjerck Garcia.

**Setor de Educação para as Relações Étnico Raciais:** Flávia Dione Melo da Silva.

### **2. RESUMO**

O presente trabalho apresenta o percurso pedagógico desenvolvido pela EMEI Dom Luiz de Nadal ao longo de 2025 no âmbito do projeto “Cultura, Arte e Orgulho – Mulheres Negras e suas Grandes Contribuições na Ciência”. A proposta fundamenta-se nas Leis 10.639/03 e 11.645/08, nos valores civilizatórios africanos, afro-brasileiros e indígenas, e no compromisso institucional com uma educação antirracista, investigativa e culturalmente referenciada. Todas as turmas participaram do projeto, estruturado a partir das metodologias ativas, da metodologia científica e de práticas de pesquisa adaptadas à infância. Cada uma das oito turmas escolheu uma cientista negra e, ao longo do ano, realizou investigações que envolveram leitura de biografias, análise de imagens, exploração de materialidades culturais, experimentos científicos e produção em múltiplas linguagens. Mensalmente, uma turma foi responsável por compartilhar suas descobertas com toda a escola, organizando espaços étnico-raciais com ambiência afrocentrada para acolhidas e

momentos interativos de apresentação, permitindo que os demais grupos vivenciassem as aprendizagens realizadas.

No decorrer do processo, as crianças participaram de jogos de localização e coordenadas; adaptações de jogos de matrizes africanas e indígenas para compreensão de linhas, colunas e padrões; produções cartográficas lúdicas; explorações de tecnologias, telas interativas e mapas digitais; além de experiências com materialidades africanas, afro-brasileiras e indígenas, abrangendo tecidos, sons, objetos simbólicos, esculturas, livros e narrativas. As investigações científicas abordaram cor, luz, sombra, misturas e fenômenos naturais, sempre permeadas por rodas de conversa, levantamento de hipóteses e registros sistemáticos das falas infantis.

O trabalho articulou diferentes setores — EEABI, Biblioteca, Artes, Tecnologia e Inovação e professoras regentes — e foi sustentado por formações continuadas, estudos coletivos e acompanhamento pedagógico permanente.

Os relatos das turmas evidenciaram avanços significativos: aumento da curiosidade científica, ampliação da oralidade, fortalecimento identitário, ruptura de estereótipos e reconhecimento de mulheres negras como protagonistas na produção do conhecimento. As crianças demonstraram compreender que a ciência é diversa, coletiva e transformadora, construída por pessoas que observam, questionam, imaginam e investigam o mundo.

### **3. INTRODUÇÃO**

A Escola Municipal de Educação Infantil Dom Luiz de Nadal vem, ao longo dos últimos anos, consolidando uma trajetória de resistência, engajamento e inovação pedagógica. Esse percurso tem sido marcado pela defesa pautada na Educação Antirracista, pela valorização das relações étnico-raciais (ERER) e, mais recentemente, pela incorporação da iniciação científica como eixo estruturante do fazer educativo na infância.

Ao reconhecer que o conhecimento científico e o conhecimento cultural são dimensões complementares da experiência humana, a escola tem construído um projeto pedagógico que une a Educação Antirracista à Iniciação Científica, compreendendo ambos como campos de criação, investigação e emancipação. Essa articulação nasce da convicção de que a infância é, por excelência, tempo de curiosidade, encantamento e descoberta — um terreno fértil para que a criança se reconheça como sujeito ativo na produção de saberes sobre o mundo.

Esta trajetória é resultado de um movimento coletivo de formação e ação docente que, desde 2020, vem revisitando o Projeto Político-Pedagógico (PPP) à luz das Leis nº 10.639/03 e nº 11.645/08, reafirmando o compromisso com uma prática educativa voltada à equidade racial, de gênero e cultural. Nesse contexto, o projeto “Cultura, Arte e Orgulho – Conhecendo para Transformar”, iniciado em 2022, tornou-se um marco de transformação institucional, ao promover o estudo e a valorização da cultura afro-brasileira, africana e indígena desde a Educação Infantil.

Em 2024, a escola ampliou seu campo de experimentação pedagógica ao implementar o Laboratório de Iniciação Científica, oferecendo às crianças experiências práticas de pesquisa e exploração. Essa iniciativa possibilitou o desenvolvimento da curiosidade, da autonomia e do pensamento crítico, alinhando-se à perspectiva das metodologias ativas e à concepção freireana de que o aprender se faz na interação, na pergunta e na práxis transformadora.

Em 2025, a união entre esses dois eixos — arte, cultura e identidade, e ciência e investigação — deu origem ao projeto “Cultura, Arte e Orgulho 2025 – Mulheres Negras e suas Grandes Contribuições na Ciência”, uma proposta interdisciplinar que reconhece o papel das mulheres negras na produção científica e rompe com estereótipos historicamente excludentes.

Assim, a escola propõe um percurso pedagógico que integra expressão artística, investigação científica e valorização identitária, reafirmando que ciência e arte são linguagens da infância: ambas nascem da curiosidade, da observação e do desejo de compreender e transformar o mundo. O projeto assume, portanto, uma dimensão política e epistemológica — ao mesmo tempo em que forma sujeitos sensíveis e criadores, contribui para a construção de uma sociedade mais justa, plural e representativa.

#### 4. QUESTÕES NORTEADORAS:

##### Eixo 1 — Identidade e Representatividade

- Quem são as mulheres negras cientistas que descobriram coisas importantes?
- O que elas estudaram e o que elas descobriram?
- Como o trabalho delas ajuda as pessoas e o planeta?
- Será que a gente também pode ser cientista? Como?

##### Eixo 2 — Descoberta e Experimentação Científica

- O que é fazer ciência?
- Como as cientistas fazem para descobrir coisas novas?
- O que acontece quando misturamos materiais diferentes?
- Como podemos observar, registrar e contar o que descobrimos?
- Quais perguntas queremos investigar no nosso cotidiano?

##### Eixo 3 — Arte, Criação e Linguagem

- Como podemos mostrar nossas descobertas por meio da arte?
- Que cores, formas e texturas lembram a ciência e as mulheres negras que conhecemos?
- Como o corpo e o movimento ajudam a contar o que aprendemos?

- Que sons, músicas ou histórias combinam com nossas descobertas?

#### Eixo 4 — Comunidade e Cuidado

- Quem são as pessoas cientistas da nossa comunidade?
- Que saberes existem nas casas, nas famílias e nos territórios que também são ciência?
- Como podemos cuidar do nosso espaço como verdadeiros cientistas?
- De que forma a ciência ajuda a cuidar da natureza e das pessoas?

#### Eixo 5 — Pensamento Científico Infantil

- O que queremos descobrir?
- Como podemos descobrir isso?
- O que aprendemos com a nossa experiência?
- O que ainda queremos pesquisar?

## **5. OBJETIVOS**

### Geral

Promover uma educação antirracista e científica na Educação Infantil, reconhecendo e divulgando as contribuições históricas das mulheres negras na ciência e vivenciando, na prática, experiências investigativas e criativas integradas ao trabalho de Iniciação Científica.

### Específicos

- Valorizar o papel das mulheres negras na construção da ciência.

- Propiciar experiências de iniciação científica de forma lúdica e significativa.
- Desenvolver a curiosidade, a observação, o levantamento de hipóteses e a experimentação.
- Integrar ciência, arte, literatura e cultura preta e afro-brasileira.
- Fortalecer a autoestima e a identidade das crianças negras (pretas e pardas).
- Consolidar práticas pedagógicas pautadas em equidade e representatividade.
- Envolver famílias e comunidade na reflexão sobre diversidade e inclusão.

## **6. JUSTIFICATIVA**

A escolha da temática “Mulheres Negras e suas Grandes Contribuições na Ciência” representou a continuidade e o aprofundamento do compromisso da EMEI Dom Luiz de Nadal com uma educação equitativa, crítica e representativa.

Historicamente, a figura do cientista foi construída como masculina, branca e distante das experiências culturais da maioria da população. Esse imaginário, quando não questionado, restringe o direito das crianças negras e das meninas de se reconhecerem como produtoras de conhecimento. Como afirmam Vígano e Laffin (2019), as relações de gênero e raça são produzidas socialmente e precisam ser problematizadas desde a infância, sob pena de perpetuar desigualdades simbólicas e estruturais.

Assim, o projeto buscou romper estereótipos, promovendo um ambiente de descoberta científica e valorização da diversidade. Ao integrar o trabalho de Iniciação Científica, as crianças puderam formular hipóteses, testar ideias, observar fenômenos e construir registros, entendendo que a ciência é feita por muitas mãos — inclusive por mãos negras e femininas.

Além de cumprir as exigências legais das Leis 10.639/03 e 11.645/08, a iniciativa alinhou-se à BNCC (2017), às DCNEI (2009) e às Diretrizes Curriculares para EREER (2004), que orientam o desenvolvimento de práticas educativas que promovam a valorização da pluralidade cultural e o enfrentamento ao racismo.

## **7.METODOLOGIA**

O projeto foi desenvolvido com base nos princípios das metodologias ativas e da metodologia científica, compreendendo as crianças como protagonistas do processo de aprendizagem. Nesse contexto, o educador atua como mediador, provocando a curiosidade, o levantamento de hipóteses e a construção de significados por meio da investigação, da experimentação e do diálogo coletivo. Inspirada em autores como Paulo Freire (1996) e Vygotsky (1988), a prática pedagógica da EMEI Dom Luiz de Nadal considera que o conhecimento se constrói na relação entre sujeitos, em um movimento contínuo de ação, reflexão e reconstrução. Assim, o projeto “Cultura, Arte e Orgulho 2025 – Mulheres Negras e suas Grandes Contribuições na Ciência” segue estruturado como um percurso investigativo e colaborativo, no qual as oito turmas da escola se tornam pequenos grupos de pesquisa, vivenciando cada etapa da metodologia científica.

### **Princípios metodológicos norteadores**

- Protagonismo infantil: as crianças são autoras do processo investigativo, com voz ativa na formulação de perguntas, hipóteses e conclusões.
- Aprendizagem significativa: o conhecimento parte da experiência concreta e da curiosidade natural das crianças, conectando-se à realidade sociocultural.
- Interdisciplinaridade: integração entre arte, literatura, cultura afro-brasileira e iniciação científica.
- Colaboração e diálogo: aprendizagem construída coletivamente, valorizando as interações entre pares, famílias e comunidade.

- Documentação pedagógica: registro contínuo das descobertas por meio de fotos, vídeos, desenhos, narrativas e painéis expositivos.
- Formação docente contínua: acompanhamento reflexivo e coletivo entre professores para planejar, observar e replanejar as ações pedagógicas.

A metodologia científica foi vivenciada de forma lúdica e significativa, respeitando as especificidades da infância e os direitos de aprendizagem previstos na BNCC (2017) — conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se. As etapas clássicas da investigação científica (observar, perguntar, levantar hipóteses, experimentar, registrar e comunicar resultados) foram traduzidas em ações acessíveis às crianças, integrando ciência, arte e cultura.

Cada turma escolheu uma cientista negra para estudar ao longo do ano, investigando sua trajetória, suas descobertas e suas contribuições para a humanidade. Entre as pesquisadas estiveram Mãe Jemison, Katherine Johnson, Jaqueline Goes de Jesus, Sônia Guimarães, Katemari Rosa, Gladys West, Wangari Maathai, Rosy Isaías e outras referências que inspiraram as pesquisas. O projeto foi desenvolvido em etapas interligadas, envolvendo pesquisa, experimentação, criação e socialização de crianças e educadores.

### **Etapas do processo metodológico**

#### **1. Apresentação das cientistas negras: Sensibilização e escolha da cientista**

As turmas foram convidadas a conhecer a trajetória de diferentes mulheres negras cientistas, por meio de histórias, vídeos, imagens e músicas afrocentradas. A partir do encantamento inicial, cada grupo escolheu uma cientista para aprofundar sua investigação, de acordo com seus interesses e hipóteses iniciais (“O que será que ela descobriu?”, “Como ela fez isso?”, “Será que a gente consegue experimentar também?”).

#### **2. Vivências de Iniciação Científica: Pesquisa e experimentação**

Com a mediação dos professores, as crianças realizaram explorações

práticas de Iniciação Científica, construindo pequenos experimentos inspirados nas áreas de atuação das cientistas estudadas — como química, biologia, física, astronomia ou tecnologia. As descobertas foram registradas por meio de desenhos, fotografias, gravações, narrativas orais e produções coletivas, compondo o diário científico de cada turma.

### **3. Atividades artísticas e literárias: Integração das linguagens artísticas**

A dimensão estética esteve presente em todas as etapas. As turmas criaram painéis, colagens, maquetes, mandalas e performances corporais que expressam visualmente o processo de investigação. A arte foi compreendida como linguagem de expressão científica e cultural, ampliando a leitura do mundo das crianças.

### **4. Interações entre os grupos: Compartilhamento e vivência**

Mensalmente, uma turma foi responsável por organizar o espaço referência como um ambiente de pesquisa, acolhendo os demais para compartilhar suas descobertas. Nesses encontros, as crianças apresentaram oralmente o que haviam aprendido, contaram curiosidades sobre a cientista estudada e propuseram atividades interativas relacionadas à sua pesquisa (jogos, experiências, dramatizações, brincadeiras científicas). Esse movimento garantiu que, ao longo de oito meses, todas as turmas conhecessem as oito cientistas, ampliando o repertório coletivo da escola e fortalecendo o diálogo entre grupos e faixas etárias.

### **5. Culminância: Socialização ampliada**

Ao final do ciclo de apresentações, as turmas reuniram seus registros e produções na Mostra Científica e Cultural “Entrelaços da Nadal”, aberta à comunidade escolar. Esse momento permitiu valorizar o percurso formativo das crianças, visibilizando a ciência feita por mãos

negras e femininas e reafirmando o compromisso da escola com uma prática pedagógica equitativa e transformadora.

## **8. CONTEXTUALIZAÇÃO: UM POUQUINHO DA NOSSA TRAJETÓRIA DE CULTURA, ARTE E ORGULHO**

O projeto “CULTURA, ARTE E ORGULHO 2025: MULHERES NEGRAS E SUAS GRANDES CONTRIBUIÇÕES NA CIÊNCIA” constitui-se como parte de uma trajetória pedagógica que vem sendo construída e aprimorada pela Escola Municipal de Educação Infantil Dom Luiz de Nadal ao longo dos últimos anos. Em 2025, a escola assumiu o desafio de integrar de forma intencional os eixos da valorização identitária e da iniciação científica, reconhecendo que o pensamento artístico, cultural e científico são linguagens fundamentais da infância — modos de compreender, expressar e transformar o mundo.

A proposta partiu do desejo de romper estereótipos e ampliar repertórios, incentivando a curiosidade, a observação, a experimentação e a valorização da diversidade como princípio formador, tornando visíveis as contribuições das mulheres negras na produção do conhecimento científico, aproximando as crianças da ideia de que a ciência é construída por muitas mãos, inclusive femininas e negras.

Durante o ano letivo, cada uma das oito turmas da escola escolheu uma cientista negra para investigar. As pesquisas foram conduzidas a partir de metodologias ativas, que priorizam o protagonismo infantil, a colaboração e a aprendizagem significativa. Mês a mês, uma turma organizou um momento de socialização científica, abrindo o espaço da sala referência para apresentar suas descobertas às demais turmas.

Nesses encontros, as crianças realizavam apresentações orais, mostravam seus registros e experimentos e propunham uma atividade interativa, permitindo que os visitantes vivenciassem aspectos diversos da pesquisa científica. Assim, o processo investigativo tornou-se contínuo e compartilhado, garantindo que todas as

turmas vivenciassem, ao longo do ano, as histórias e contribuições das oito cientistas estudadas.

Essa dinâmica pedagógica promoveu o fortalecimento da metodologia científica na Educação Infantil, articulando observação, formulação de hipóteses, experimentação e registro com as múltiplas linguagens infantis — o desenho, a narrativa, a dramatização, a música e a brincadeira. As ações também potencializaram o trabalho colaborativo entre professores e crianças, ampliando a autonomia, a escuta ativa e o diálogo entre pares.

A consolidação dessa experiência em 2025 foi possível graças ao percurso formativo que a EMEI Dom Luiz de Nadal vem trilhando nos últimos anos. Durante o período de ensino remoto (2020–2021), a equipe pedagógica aprofundou os estudos das Leis nº 10.639/03 e nº 11.645/08, revisitando o Projeto Político-Pedagógico (PPP) e reafirmando o compromisso institucional com uma educação antirracista e de valorização das identidades negras e indígenas.

Desse movimento emergiram projetos estruturantes. Em 2021, o Novembro Negro homenageou mulheres negras da comunidade da Restinga e da própria escola, fortalecendo o pertencimento e a representatividade. O marco simbólico dessa trajetória foi a publicação do livro de histórias e contribuições de pessoas negras e pardas da comunidade escolar, presenteado à instituição pela coordenadora Claudenise Farias.

Em 2022, nasceu o projeto “Cultura, Arte e Orgulho – Conhecendo para Transformar”, que ampliou o olhar sobre a cultura afro-brasileira desde a Educação Infantil, promovendo ações mensais de valorização cultural e identitária. No ano seguinte, em 2023, o projeto foi reelaborado em homenagem aos 20 anos da Lei 10.639/03, com o lema “Todo Vinte é Vinte de Novembro na EMEI Nadal”, e com a implementação dos Espaços Educativos Afro-Brasileiro e Indígena (EEABI). Nesse contexto, foi criado também o Coletivo Falas Negras e Indígenas Nadal, que fortaleceu o diálogo entre escola, famílias e comunidades tradicionais.

Em 2024, o foco deslocou-se para o tema “Territórios Negros de Porto Alegre”, proporcionando às crianças experiências de reconhecimento e pertencimento através de percursos pedagógicos por espaços de memória e

resistência, como o Super Tinga, Pegada Africana, Painele Afro-brasileiro, Mercado Público, Praça do Tambor, Igreja Nossa Senhora da Conceição e Areal da Baronesa. O percurso culminou, em 20 de novembro, em um sábado letivo com as famílias, incluindo visita ao Museu do Negro e atividades formativas no centro da cidade com a mediação das professoras Priscilla Goulart e Andresa Afonso Ferreira.

Ainda em 2024, a escola iniciou o projeto de Iniciação Científica na Educação Infantil, reconfigurando espaços e tempos pedagógicos para garantir o exercício da metodologia científica em contextos lúdicos e experimentais. As crianças participaram de atividades desplugadas, como percursos, misturas e montagens, que favoreceram o desenvolvimento cognitivo, motor e social, ampliando a capacidade de formular hipóteses, testar ideias e analisar fenômenos.

O ano de 2025, portanto, representa a síntese e o avanço desse percurso, unindo arte, cultura e ciência em uma proposta de formação integral, que reconhece o potencial da infância como fase de intensa curiosidade, imaginação e descoberta. O projeto reafirma a EMEI Dom Luiz de Nadal como um território de pesquisa, criação e convivência, no qual a valorização das identidades negras e indígenas e o encantamento pela ciência se entrelaçam, possibilitando que cada criança se reconheça como parte ativa na construção do conhecimento e da transformação do mundo.

## **9. DESENVOLVIMENTO**

O desenvolvimento deste trabalho reúne relatos individuais e coletivos das oito turmas envolvidas no projeto, bem como das duas orientadoras responsáveis pelos trabalhos do Jardim A e do Maternal 2A, e das profissionais que atuam nos setores de Inovação Tecnológica e de Educação para as Relações Étnico-Raciais da escola. Cada narrativa apresenta um recorte singular das vivências, descobertas e pesquisas realizadas ao longo do ano, evidenciando como as crianças, desde muito pequenas, podem produzir conhecimento, levantar hipóteses, dialogar com diferentes linguagens e compartilhar saberes com seus pares.

Os registros aqui reunidos expressam a força do trabalho coletivo, o compromisso com uma educação investigativa e antirracista, e a construção de

práticas pedagógicas que reconhecem a criança como protagonista, pesquisadora e produtora de cultura no cotidiano da EMEI Dom Luiz de Nadal.

## **Maiio/Relato JB2**

**Projeto:** *Cultura, Arte e Orgulho 2025 – Mulheres Negras e suas grandes contribuições na ciência*

**Cientista pesquisada:** *Katherine Johnson*

**Turma:** Jardim B2 (crianças de 5 a 6 anos)      **Equipe:** Andresa Afonso Ferreira, Maria Aparecida da Silva Telles e Tamara Camargo Rocha

Nós, do Jardim B2, fomos a primeira turma a apresentar no projeto sobre as mulheres negras na ciência. Escolhemos estudar Katherine Johnson porque ficamos muito curiosos quando descobrimos que ela ajudou astronautas de verdade a viajarem para o espaço e voltarem para a Terra. Também achamos muito legal saber que ela era uma mulher negra, muito inteligente, que adorava matemática desde pequena e gostava de contar histórias, assim como muitos de nós.

Quando começamos a estudar sua vida, vimos fotos, vídeos e até mapas do espaço. Tentamos imaginar como ela conseguia calcular o caminho de uma nave, e fizemos desenhos e trajetórias no chão da sala para brincar de “ser cientista”. Cada vez que descobríamos algo novo, ficávamos mais animados. A gente dizia: “Olha, a Katherine fez isso! Então a gente também pode aprender!”

Na preparação da nossa apresentação, pensamos em como contar essa história para toda a escola. Queríamos que todo mundo soubesse que foi ela quem ajudou a missão Apollo 11 a voltar com segurança. Ensaíamos juntos, fizemos cartazes, construímos maquetes e criamos um espaço especial para receber as outras turmas. No dia da apresentação, estávamos orgulhosos e até um pouquinho nervosos, mas deu tudo certo. Todo mundo prestou atenção e ficou impressionado com a cientista que a gente conheceu.

Depois da apresentação, percebemos que estudar mulheres negras na ciência é importante porque mostra que muita gente que parecia “escondida” na história fez coisas incríveis. Agora, sempre que fazemos perguntas, observamos ou

tentamos descobrir algo, lembramos da Katherine e pensamos: “A gente também pode ser cientista!”

E assim começamos o projeto na nossa escola, abrindo o caminho para as outras turmas pesquisarem e ensinarem também.

## **Maio/Relato JA**

**Projeto:** Cultura, Arte e Orgulho 2025 – Mulheres Negras e suas grandes contribuições na ciência

**Cientista pesquisada:** Rosy Mary dos santos Isaías

**Turma:** Jardim A (crianças de 4 a 5 anos) **Equipe:** Sabrina Lucena Companhoni e Michele Hilário

Nós somos o Jardim A, e no mês de maio mergulhamos em uma grande aventura científica cheia de perguntas, descobertas e encantamentos.

Começamos conversando sobre o que significa ser cientista. Surgiram muitas ideias: quem descobre coisas, quem pesquisa, quem faz perguntas, quem observa tudo com atenção. Foi assim, pensando juntos, que entendemos que a ciência nasce da curiosidade — aquela mesma que mora dentro da gente todos os dias.

Depois, conhecemos a Dra. Rosy Mary dos Santos Isaías, uma pesquisadora brasileira que se tornou a primeira mulher negra a atingir o nível 1A de pesquisa no CNPq. Descobrimos que ela estuda algo que não conhecíamos ainda: as galhas, pequenas casinhas que surgem nas folhas quando um inseto se instala ali, formando um mundo inteiro para investigar.

Trouxemos folhas com galhas e sem galhas para a sala e começamos nossas explorações. Observamos tudo com lupas, tocamos as superfícies, sentimos as diferenças de texturas, percebemos as formas, as cores, os volumes. Depois, usamos o microscópio, e foi como entrar em outro universo — cheio de detalhes escondidos que só aparecem quando a gente olha bem de pertinho. Cada descoberta gerava novas perguntas, e cada pergunta nos levava a olhar mais uma vez.

Também conhecemos a história “Arthur e o incrível mundo das galhas”, escrita pela própria pesquisadora. A leitura abriu ainda mais o nosso olhar e nos fez imaginar o que acontece lá dentro daquelas pequenas estruturas que encontramos nas folhas do pátio.

Ao final da pesquisa, resolvemos compartilhar tudo o que aprendemos. Fomos até a biblioteca da escola e montamos uma apresentação para todas as turmas. Expusemos nossas investigações, organizamos as folhas para observação e deixamos lupas e microscópio disponíveis para que todos pudessem ver o que tínhamos visto. As outras crianças ficaram curiosas, fizeram perguntas, olharam cada detalhe e também conheceram a história do Arthur.

Foi um dia cheio de entusiasmo e troca. Contamos o que sabíamos, ouvimos o que os colegas perceberam e sentimos orgulho de apresentar o trabalho de uma grande cientista brasileira — alguém que pesquisa, descobre e inspira, assim como nós fizemos neste mês de maio.

No fim, entendemos que fazer ciência é observar, investigar e imaginar. E que, como a Dra Rosy fala... " Quanto mais diversidade melhor!"

### **Junho/Relato coletivo do M1A**

**Projeto:** *Cultura, Arte e Orgulho 2025 – Mulheres Negras e suas grandes contribuições na ciência*

**Cientista pesquisada:** *Mae Carol Jemison*

**Turma:** *Maternal 1A (crianças de 3 anos)*      **Equipe:** *Gabriele Alves, Paula Fagundes, Patrícia Aguirre, Catiucia Nunes, Maria Cristina Vargas, Carla de Carvalho*

Nós somos o Maternal 1A e no mês de junho conhecemos uma mulher muito incrível: a cientista e astronauta Mãe Carol Jemison!

Ela foi a primeira mulher negra a viajar para o espaço, e nós ficamos encantados em saber que ela foi bem alta, lá pertinho das estrelas.

A gente viu fotos da Mãe Carol dentro da nave e usamos a tela interativa para assistir a vídeos sobre o espaço. Ficamos imaginando como seria ver o planeta Terra lá de cima — redondo, colorido e com nuvens andando.

Brincamos de astronautas e cientistas, vestindo capas e capacetes feitos com papel alumínio e caixas de papelão. Construimos um foguete de brinquedo e fizemos a contagem:

“Três... dois... um...”

Até que todos gritaram juntos:

“Decolar!”

Dentro da sala, fizemos também misturas com cores e brilhos, porque queríamos descobrir como o espaço poderia brilhar tanto. A professora contou que Mãe Carol estudou engenharia, medicina e ciências, e que ela gosta muito de olhar para o céu e fazer perguntas. Então, nós também fizemos muitas perguntas:

“Por que o céu é azul?”

“As estrelas dormem?”

“Tem som no espaço?”

Essas perguntas viraram nossas descobertas, e a professora anotou tudo no painel da sala. Depois, usamos livros e imagens que estavam na biblioteca para ver como são os planetas. Achamos o Saturno com anel, e alguém disse que parecia um bambolê!

Na nossa apresentação para a escola e para as famílias, convidamos todo mundo para visitar o nosso espaço sideral, que montamos com caixas, panos escuros e estrelas douradas. Tinha foguetes pendurados, planetas de papel e até um sol feito de tecido amarelo.

Cantamos a música “*A Lua me disse*”, mostramos as fotos da Mãe e contamos que ela também dança e gosta de arte, porque a ciência e a arte caminham juntas.

A gente aprendeu que ser cientista é querer descobrir o mundo, fazer perguntas e imaginar. “Todo mundo pode ser cientista, até quem sonha com o espaço!” O céu não tem limite quando a gente acredita nos nossos sonhos — igual a Mãe Carol Jemison!

## **Julho/Relato coletivo do Maternal 2B**

**Projeto “Cultura, Arte e Orgulho 2025 – Mulheres Negras e suas grandes contribuições na ciência”**

**Cientista pesquisada:** Dra. Jaqueline Goes de Jesus

**Turma:** *Maternal 2B (crianças de 3 A 4 anos)* **Equipe:** *Marlene do Nascimento Marchant/ Jaqueline Cornely Gomes/ Franci Elen Peres de Souza Dorneles Prates/ Patrícia Cilene Valada Coelho dos Santos/Ágatha Roberta Figueiredo da Rosa.*

Nós somos o Maternal 2B, e no mês de julho, foi a nossa vez de apresentar para toda a escola o que aprendemos sobre uma mulher muito importante: a cientista Jaqueline Goes de Jesus. Ela é brasileira, nasceu na Bahia, e ajudou o mundo inteiro quando apareceu uma doença nova chamada Covid-19.

Aprendemos que Jaqueline é uma cientista que estuda vírus e que ela conseguiu descobrir o segredo do vírus da Covid rapidinho, olhando dentro dele com máquinas muito poderosas. Assim, médicos, médicas e cientistas puderam fazer a vacina, que protege as pessoas e ajuda o mundo a ficar bem de novo.

Na nossa sala, a gente brincou de ser cientista também! Usamos jalecos, tubos de ensaio, seringas de brinquedo e luvas, e criamos o nosso laboratório da EMEI Nadal.

Fizemos uma experiência com água, orégano e sabão: quando colocamos o sabão, as folhinhas de orégano se afastaram, como se tivessem medo! A professora disse que era assim que o sabão espanta o vírus, e nós entendemos que lavar as mãos é um jeito de fazer ciência também.

Depois, brincamos de hospital de campanha: uns viravam médicos e enfermeiros, outros eram pacientes, e tinha até super-heróis da linha de frente! Tivemos também o globo terrestre doente, cheio de pontinhos representando o vírus — e a gente ajudou o planeta a melhorar com nossas vacinas de faz-de-conta.

Fizemos fantoches de mãos para brincar na hora de lavar, e cantamos músicas sobre o cuidado e a saúde. Aprendemos que ao utilizarmos máscaras, espirrarmos levando o antebraço à boca e que a lavagem de mãos, são atitudes simples de higiene que impedem que vírus se multipliquem quando ocorrem Pandemias no Planeta. As crianças das outras turmas vieram visitar o nosso espaço

e participaram das experiências. Cada grupo aprendeu um pouquinho sobre como a ciência pode cuidar das pessoas.

No hall da escola, mostramos fotos, desenhos e painéis das nossas descobertas. As famílias vieram ver e ficaram muito orgulhosas. Todo mundo queria saber quem era Jaqueline, e nós explicamos:

“Ela é uma mulher negra, cientista, que ajuda o mundo com a sua inteligência.”

Aprendemos que a ciência também é feita por mulheres negras, e que a curiosidade é o começo de toda descoberta. Agora sabemos que quando fazemos perguntas, observamos, experimentamos e cuidamos, somos cientistas também — igual a Dra. Jaqueline.

### **Agosto/Relato coletivo da turma M1B**

**Projeto:** *Cultura, Arte e Orgulho 2025 – Mulheres Negras e suas grandes contribuições na ciência*

**Cientista pesquisada:** *Katemari Rosa*

**Turma:** M1B (crianças de 3 anos)      **Equipe:** *Tavane da Silva/ Luciana Da Rosa/ Magda Ferraz/Josiane Ribeiro/ Débora Alves./Gabriela Carvalho*

Em agosto foi a nossa vez de ser pesquisadores e cientistas!

A gente descobriu uma mulher muito importante chamada Katemari Rosa. Ela nasceu aqui em Porto Alegre, e desde pequenininha sonhava em olhar as estrelas e ser astronauta.

A professora contou que a Katemari é cientista de Física e que ela gosta de estudar como as coisas se movem, mudam e se transformam. Nós achamos isso muito interessante, porque na escola também gostamos de ver o que acontece quando misturamos coisas, quando derretem, ou quando viram outra coisa diferente.

Brincamos de ser cientistas com aventais e lupas, mexendo em água quente e fria, gelo, farinha e tinta. A gente observava e dizia:

“Olha! Mudou de cor!”

“Tá virando outra coisa!”

“Tá sumindo o gelo!”

A professora explicou que isso é ciência, igual a Katemari, que também observa e descobre o que muda no mundo. Vimos fotos da Katemari no computador — ela usa óculos, sorri muito e gosta de ensinar. Aprendemos que ela foi estudar lá na Bahia e também em outro país, onde viu museus com coisas da África. Ela ficou pensando por que tantas coisas africanas estavam longe de casa... e a gente pensou junto com ela.

“As coisas têm que ficar no lugar delas!”

Fizemos desenhos do céu, com planetas, estrelas, foguetes e cometas, porque Katemari também gosta de olhar o universo. E fizemos um experimento com luzes e sombras, com lanternas e tecidos coloridos, para ver o que aparecia nas paredes.

“Olha! Eu virei estrela!”

Na hora da nossa apresentação para a escola, a gente mostrou o que descobriu. Organizamos o espaço com painéis de estrelas, planetas de papel e massinhas coloridas para brincar com as turmas que vieram nos visitar.

As outras crianças puderam mexer nas experiências, brincar com as luzes e ouvir o historiar *Kiriku e a Feiticeira*, que fala sobre coragem e sabedoria — igual à Katemari! Foi muito bonito ver todo mundo curioso, olhando, perguntando, descobrindo. A escola ficou parecendo um laboratório de estrelas.

Agora a gente sabe que a ciência também é feita por mulheres negras, que pensam, criam e ensinam. Aprendemos que a curiosidade é uma coisa boa e que fazer perguntas é um jeito de crescer e aprender. Quando a gente brinca, observa e tenta de novo, a gente também faz ciência — e o nosso sonho também pode brilhar, igual o cometa que a Katemari viu no céu quando era criança.

**Setembro/Relato da equipe – Berçário II**

**Projeto:** *Cultura, Arte e Orgulho 2025 – Mulheres negras e suas grandes contribuições na ciência*

**Cientista pesquisada:** *Wangari Muta Maathai*

**Turma:** Berçário II **Equipe:** Lidiane Duarte, Mailin Moraes Silva e Paula Guerra

No mês de setembro, nossa turma do Berçário II mergulhou na história inspiradora da cientista e ativista Wangari Muta Maathai, uma mulher africana que dedicou sua vida à preservação da natureza e à defesa do meio ambiente no Quênia.

Foi a primeira mulher africana a receber o Prêmio Nobel da Paz, e sua história nos trouxe a oportunidade de conversar com as crianças sobre o cuidado com a Terra, a importância das árvores e o valor das pequenas ações que transformam o mundo.

Iniciamos a pesquisa a partir das vivências cotidianas no pátio da escola, espaço que as crianças conhecem bem e onde encontram muitos elementos da natureza: folhas, sementes, flores, pinhas e gravetos. As crianças do Berçário II adoram brincar com as sementes da timbaúva que caem no chão, observar as formigas caminhando, sentir o vento e recolher folhas de diferentes tamanhos. Foi nesse movimento sensível de explorar, tocar e sentir, que fomos nos aproximando das ideias de Wangari.

Durante as rodas de conversa, mostramos imagens do Quênia, do Green Belt Movement (Movimento Cinturão Verde, criado por ela) e assistimos a pequenos vídeos sobre plantio de mudas e reflorestamento. Em seguida, organizamos um momento prático de experimentação, onde as crianças puderam plantar sementes e mudinhas no nosso canteiro coletivo. Cada criança depositou uma sementinha na terra, regou com cuidado e ajudou a colocar plaquinhas com seus nomes.

Foi um momento de encantamento — as crianças estavam envolvidas, observando atentamente a textura da terra, o cheiro das folhas e a água escorrendo pelos dedos.

“A planta bebe água!”

“A terra tá com cheiro de chuva.”

Construímos, junto com as crianças, uma ambiência inspirada na natureza, com folhas secas, galhos, sementes, pinhas e pedras trazidas de casa e recolhidas no entorno da escola. A proposta era criar um pequeno “laboratório natural” onde pudéssemos observar os elementos que compõem o nosso ecossistema. Essa organização sensorial favoreceu o brincar livre, as descobertas espontâneas e o diálogo entre as crianças sobre o cuidado com a vida.

Para ampliar o repertório literário, utilizamos livros com temáticas ambientais e contos africanos que falam sobre árvores, terra e sementes. A história de Wangari foi contada de forma lúdica, com imagens e gestos, reforçando que as mulheres negras também fazem ciência, cuidam do planeta e inspiram gerações.

No dia 20 de setembro, realizamos a apresentação para as demais turmas da escola, no Hall principal. Montamos uma exposição com as materialidades da natureza e as produções das crianças — as sementes plantadas, as fotos dos momentos de cuidado e as descobertas registradas em painéis.

As crianças entregaram sementes para os colegas, simbolizando o gesto de plantar esperança e responsabilidade ambiental.

“Cada semente é um pedacinho da Terra que a gente cuida”, disse a elas.

A participação das famílias também foi significativa: muitas enviaram mudas, sementes e materiais para compor o espaço. Alguns comentaram que, após as conversas das crianças em casa, começaram a plantar temperos e flores em pequenos vasos. Esse retorno mostra o impacto do projeto na comunidade, fortalecendo os laços entre escola, família e natureza.

Ao final, a reflexão que fica é que a história de Wangari Maathai atravessou o cotidiano das crianças de maneira doce e profunda. Ao manipular a terra, ao observar as árvores e ao compartilhar sementes, elas foram compreendendo — à sua maneira — o valor da vida em todas as formas.

O projeto foi extremamente satisfatório: alcançou seus objetivos e ultrapassou as expectativas, promovendo aprendizagens significativas mesmo com os pequenos do Berçário. As crianças mostraram-se sensíveis, curiosas e participativas, e o trabalho nos fez reafirmar o quanto a Educação para as Relações

Étnico-Raciais pode (e deve) dialogar com a educação ambiental, a ciência e o brincar.

“Plantar é brincar com o futuro.”

### **Outubro/Relato coletivo da turma Jardim B1**

**Projeto:** *Cultura, Arte e Orgulho 2025 – Mulheres negras e suas grandes contribuições na ciência*

**Cientista pesquisada:** *Gladys Mae West*

**Turma:** Jardim B1 (crianças de 5 a 6 anos) **Equipe:** *Amanda da Silva Schardosim/*

*Fernanda Martins de Carvalho/ Kerolyn Veiga Bohm dos Santos/ Paula Fernanda dos Santos Costa*

Nós somos o Jardim B1 e neste ano conhecemos a história da Gladys Mae West, uma mulher negra muito inteligente que ajudou o mundo a não se perder! Ela estudou bastante matemática e trabalhou com satélites, fazendo muitas contas para criar o GPS, aquele aparelhinho que mostra os caminhos e diz: “*Vire à esquerda.*”

“Ela é a mulher que faz o celular saber onde a gente está!”

“Ela é uma cientista dos caminhos!”

Durante nossas pesquisas, descobrimos que a Gladys estudava o formato da Terra e usava linhas e colunas para achar os lugares certos. Então, junto com a professora de Iniciação Científica, nós também investigamos as linhas e colunas, aprendendo como elas ajudam a descobrir posições e direções no mapa. Vimos que os mapas têm coordenadas, e isso nos inspirou a criar nossos próprios jogos científicos.

Um deles foi um jogo parecido com a Batalha Naval, mas com um jeito africano — em vez de tentar afundar o navio do colega, o objetivo era regar a plantação dele. Cada um precisava usar as linhas e colunas para encontrar os lugares certos e ajudar o outro a crescer.

“Nosso jogo é de cuidar, não de brigar!”

Quem conseguisse regar primeiro toda a plantação do colega era o vencedor. Foi muito divertido e aprendemos que os jogos também podem ser colaborativos e solidários, como muitos jogos africanos que conhecemos.

Também criamos um jogo de localização com a tela interativa: apareciam objetos e personagens na tela, e o grupo tinha que organizar-se no chão para ficar igualzinho ao que aparecia no mapa. Fizemos várias rodadas e cada vez ficava mais difícil — e mais divertido!

“Eu sou o sol e fico aqui em cima!”

“O rio passa aqui do lado!”

E não parou por aí! Também jogamos o Rouba Monte, mas em vez das cartas com números, usamos cartas com lugares do mundo, bandeiras e pontos importantes. Assim aprendemos sobre outros países, culturas e paisagens. Cada carta era uma descoberta!

“Olha, esse lugar tem montanha e neve!”

“Esse aqui é o deserto!”

No dia da nossa apresentação para a escola, nós mesmos propusemos um grande jogo com GPS para os colegas das outras turmas. Cada colega era um carrinho, e precisava jogar o dado e seguir as orientações do “GPS” até chegar ao destino.

“Siga em frente... vire à direita... cuidado com o rio!”

Todos se divertiram muito! As crianças correram, riram e aprenderam que as coordenadas e direções que usamos no jogo são as mesmas ideias que a Gladys usou em suas pesquisas científicas.

A gente entendeu que a ciência ajuda o mundo a se encontrar, e que as mulheres negras também fazem descobertas importantes.

Hoje, quando alguém usa o GPS, a gente lembra da Gladys — e do nosso jogo, onde os caminhos, as linhas e as colunas nos ajudam a chegar juntos e cuidar uns dos outros.

“A ciência também pode ser um jogo. E a gente aprende brincando de descobrir o mundo.”

## **Novembro/ Relato coletivo do Maternal 2A**

**Projeto:** *Cultura, Arte e Orgulho 2025 – Mulheres negras e suas grandes contribuições na ciência*

**Cientista pesquisada:** *Sônia Guimarães*

**Turma:** *Maternal 2A (crianças de 3 a 4 anos)* **Equipe:** *Jaqueline Maciel, Carla Luciana Figueiredo, Rita de Cássia Quadros, Taiane Chiesa*

Nós somos o Maternal 2A, e durante o ano de 2025 vivemos muitas aventuras com a ciência!

Brincamos de misturar cores, vimos luzes e sombras aparecerem nas paredes e aprendemos que a ciência está em tudo o que a gente faz. Às vezes parecia mágica, mas era a gente descobrindo e investigando o mundo.

Quando conhecemos a cientista Sônia Guimarães, ficamos muito curiosos. Descobrimos que ela é a primeira mulher negra doutora em Física no Brasil, e que ela estuda o infravermelho e os semicondutores, coisas que ajudam a fazer máquinas, mísseis e tecnologias que usamos todos os dias. A gente achou incrível saber que ela trabalha com coisas que brilham, refletem e esquentam, igual à luz do sol que entra pela janela da nossa sala!

Aprendemos que por trás de cada invenção tem alguém pesquisando e estudando muito — igual a Sônia, que gosta de descobrir e nunca desistiu. Ela virou nossa inspiração: uma cientista corajosa, inteligente e curiosa, como a gente!

Nas nossas rodas de conversa, apareceram muitas ideias, “ser cientista é quem faz vacina”, porque os cientistas cuidam das pessoas e ajudam o mundo a ficar bem. “A mistura das cores parecia um arco-íris”, daí começamos a misturar tintas e luzes para ver o que acontecia. Teve um dia em que a gente fez a experiência da vela e do copo. Assim a gente foi fazendo perguntas e tentando entender os segredos da ciência, como verdadeiros cientistas.

Quando chegou o dia da nossa apresentação para as famílias e outras turmas da escola, a gente estava muito animado! Montamos um espaço com as nossas experiências, os materiais e os painéis sobre Sônia Guimarães. Cada um lembrou o que tinha aprendido e quis contar um pedacinho da história dela.

A gente contou que Sônia é uma mulher negra que faz ciência, e que ela ajuda a criar coisas importantes para o mundo. As famílias e os colegas ouviram com atenção, e a gente ficou feliz e orgulhoso. Também mostramos as experiências com cores, luzes e sombras — e todo mundo ficou curioso para saber como a vela apagou e como o arco-íris aparecia.

Foi um dia cheio de alegria e descobertas. A gente se sentiu cientista de verdade: vestimos jalecos, misturamos, experimentamos, contamos o que sabíamos e ouvimos os outros também. No final, a gente percebeu que a ciência é feita de perguntas, observações e imaginação. E que ser curioso é o primeiro passo para ser cientista — igual à Sônia Guimarães.

“Como disse nossa colega, estamos experienciados!”

### **Relato da Orientadora (M2a)/ Jaqueline Bernardo Maciel**

**Projeto:** *Cultura, Arte e Orgulho 2025 – Mulheres negras e suas grandes contribuições na ciência*

**Cientista pesquisadora:** **Sônia Guimarães**

**Turma:** Maternal 2 A (crianças de 3 a 4 anos)

Ao longo do ano de 2025, a turma do M2A vivenciou diversas propostas no cotidiano sobre experiências relacionadas à ciência, explorando misturas de cores, luz e sombra de forma lúdica e investigativa. Esses momentos despertaram nas crianças o interesse em descobrir, observar e levantar pequenas hipóteses sobre o mundo ao seu redor.

Nesse percurso, o conhecimento sobre a trajetória da cientista Sônia Guimarães ampliou as aprendizagens e trouxe sentido às descobertas. Ao conhecer sua história, as crianças puderam perceber a importância da ciência e reconhecer que por trás de cada invenção e experiência existem pessoas que pesquisam,

estudam e constroem conhecimento. Durante as pesquisas, o grupo descobriu que Sônia realizou importantes contribuições na área da física aplicada, especialmente no estudo dos semicondutores e do infravermelho em míssil brasileiro, tecnologia essa utilizada em diversos equipamentos modernos.

Essas descobertas despertaram grande curiosidade e encantamento nas crianças, que relacionaram a ciência às invenções e às transformações presentes no cotidiano. Sônia, a primeira mulher negra doutora em Física no Brasil, tornou-se para o grupo um símbolo de determinação, coragem e representatividade. Sua história inspirou momentos de diálogo, curiosidade e encantamento, fortalecendo o olhar investigativo e o respeito pela diversidade e pelas conquistas individuais.

Nas experiências vivenciadas ao longo do projeto, muitas foram as hipóteses levantadas pelo grupo. Em uma das rodas de conversa, uma criança afirmou que “ser cientista é quem faz vacina”, revelando como o olhar infantil associa a ciência ao cuidado e à invenção de algo que ajuda as pessoas. Outra criança observou que “a mistura das cores parecia um arco-íris”, demonstrando encantamento e sensibilidade ao perceber os fenômenos naturais que ocorrem nas experiências.

Durante a experiência da vela que apaga com o copo e a água, surgiram novas interpretações cheias de curiosidade e imaginação. Uma das crianças disse que “alguém soprou”, tentando explicar o que aconteceu, enquanto outra deduziu que “quando a água sumiu, apagou a vela”, mostrando como, por meio da observação, as crianças constroem suas próprias hipóteses sobre os fenômenos.

Após esse período de descobertas e vivências, organizamos o grupo para que pudesse compartilhar suas experiências com as demais turmas da escola e com as famílias. As crianças apresentaram suas observações e hipóteses com entusiasmo, demonstrando envolvimento, responsabilidade e alegria em mostrar o que aprenderam. apresentação da turma do M2A foi um momento marcado por encantamento, curiosidade e alegria. As crianças compartilharam com as famílias e demais turmas da escola as descobertas e aprendizagens construídas ao longo do projeto “Conhecendo a Ciência com Sônia Guimarães”, que uniu experimentação, pesquisa e muita imaginação.

Durante a preparação, o grupo demonstrou grande responsabilidade com as tarefas assumidas: organizar os materiais das experiências, ensaiar as falas e lembrar as descobertas feitas em sala. Cada criança participou à sua maneira, demonstrando envolvimento e orgulho em poder mostrar o que aprendeu. O interesse pelo tema foi perceptível nas conversas, nas perguntas que surgiam e na empolgação em apresentar aos visitantes o que haviam vivenciado.

Na exposição, as crianças narraram com espontaneidade trechos da biografia da cientista Sônia Guimarães, reconhecendo sua importância como pesquisadora e inspiração para todos que gostam de descobrir e aprender. As experiências realizadas despertaram a atenção e o encantamento do público, que pôde observar a alegria das crianças em reproduzir as propostas e explicar os fenômenos observados. Não compartilham com os colegas e as famílias um pouco do universo científico que exploraram com tanta curiosidade e dedicação.

### **Relato da Professora Articuladora de Inovação e Tecnologia/Aline Bjerk Garcia**

**Projeto:** *Cultura, Arte e Orgulho 2025 – Mulheres negras e suas grandes contribuições na ciência*

Fazer parte do projeto “CULTURA, ARTE E ORGULHO 2025: MULHERES NEGRAS E SUAS GRANDES CONTRIBUIÇÕES NA CIÊNCIA” é viver a cada dia a potência da infância como lugar de descoberta, criação e pertencimento. É ver a escola pulsar como território vivo, onde ciência, arte e identidade se encontram e se reconhecem nos olhares curiosos das crianças.

Desde que cheguei à EMEI Dom Luiz de Nadal, em junho de 2024, fui acolhida por uma equipe que compreende a educação como um ato coletivo, político e amoroso. Aprendi — e sigo aprendendo — com cada professora, com cada criança e com cada gesto que transforma o cotidiano em aprendizado. Aqui, o trabalho floresce nas pequenas mãos que investigam o mundo, nas perguntas que

brotam das brincadeiras e nos olhares que enxergam possibilidades onde antes havia apenas dúvida.

Nos últimos anos, a escola construiu um percurso formativo sólido e sensível, comprometido com a educação antirracista, com a valorização das identidades negras e indígenas e com a crença de que o conhecimento nasce da experiência, da escuta e da convivência. Projetos como o “Cultura, Arte e Orgulho – Conhecendo para Transformar”, o “Novembro Negro”, a criação do Coletivo Falas Negras e Indígenas Nadal, e o EEABI pavimentaram esse caminho, revelando que a transformação começa quando o currículo se torna espelho e janela — espelho que reflete quem somos e janela que abre o olhar para o outro.

Em 2025, esse percurso atinge um novo patamar: a escola une arte, cultura e ciência em uma proposta de formação integral, que reconhece o brincar, o investigar e o experimentar como modos legítimos de fazer ciência. Cada turma, ao estudar uma cientista negra, transformou a curiosidade em potência, o respeito em ação e o conhecimento em poesia.

Nos encontros mensais, quando as salas se abriam para a socialização científica, a escola inteira se movia. Era possível sentir a vibração do pensamento das crianças, que falavam com segurança sobre hipóteses, experimentos e descobertas. Elas se tornaram protagonistas de um modo de aprender que é, antes de tudo, um modo de ser no mundo — um modo de pertencer e transformar.

Hoje, ao ver o nosso laboratório de iniciação científica, construído com tanto esforço e afeto, pulsar de vida e de descobertas, sinto o quanto esse espaço ultrapassou as paredes da escola. Ele reverbera nas famílias, ecoa nas conversas das crianças em casa e inspira a comunidade. Nosso laboratório é mais do que um espaço físico: é um território simbólico de resistência, curiosidade e encantamento, onde a ciência se mistura à ancestralidade, e o aprender se confunde com o sonhar.

A educação infantil é o lugar onde tudo começa — inclusive a paixão por conhecer. E a ciência, quando nasce do olhar de uma criança, é sempre uma poesia em movimento. Ver as crianças falarem com propriedade sobre o método científico, ver seus olhos brilharem diante de um experimento ou de uma história sobre uma

mulher negra cientista, é perceber que a escola realmente cumpre seu papel de formar sujeitos críticos, sensíveis e orgulhosos de suas origens.

Este percurso, construído em diálogo constante entre professores, crianças e comunidade, reafirma que a educação é uma construção coletiva e contínua. É o resultado de mãos que se unem, ideias que se escutam e vozes que se reconhecem. Hoje, olhando para o caminho trilhado, sinto que cada descoberta, cada risada e cada registro infantil são pequenas fagulhas que mantêm acesa a chama da transformação.

É isso que me move — ver a ciência florescer nos olhos das crianças, ver o orgulho ecoar pelos portões da escola e alcançar as casas das famílias, ver a educação acontecer de forma viva, poética e real. Porque aqui, na EMEI Dom Luiz de Nadal, a ciência tem cor, tem rosto, tem voz e tem alma. E é essa alma — feita de curiosidade, ancestralidade e amor — que continua inspirando o nosso caminhar.

### **Relato da Professora Responsável pelo Setor de Educação para as Relações Étnico-Raciais/ Flávia Dione Melo da Silva**

*Projeto: Cultura, Arte e Orgulho 2025 – Mulheres negras e suas grandes contribuições na ciência*

A Educação para as Relações Étnico-Raciais, sempre esteve presente no currículo da escola, de modo a contribuir com uma Educação Antirracista pela valorização das contribuições dos povos negros e indígenas no cotidiano da escola.

Ao longo dos anos participando da elaboração das propostas pedagógicas para Nadal, ficou visível o cuidado em garantir a legitimidade das leis 10639/03 e 11.645/08.

Nesse ano letivo de 2025, aprendemos com as cientistas negras e principalmente com as crianças a importância do trabalho de pesquisa, bem como compreender o que compõe e distingue as linhas de pesquisas.

Se por um lado as famílias também passaram pelo processo da autodeclaração, como o exercício de garantia de direitos e postura positiva frente aos enfrentamentos do racismo, também compreenderam e compartilharam experiências familiares de grande significado histórico na construção da nossa sociedade. Compartilhando fatos importantes sobre a construção do nosso bairro e

dos processos de racismo estrutural e ambiental ao serem colocados seus antepassados em situação de vulnerabilidade social , ao serem retirados do centro de Porto Alegre e trazidos para este espaço de terra, território, sem condições básicas sanitárias, quiçá pensar em desenvolvimento social para a Nossa Restinga.

Os panos de fundo deste projeto nos proporcionou vivenciar com as crianças algo mágico, entender como se constrói uma pesquisa, os passos para elaboração de pesquisa biográfica ou de letramento para inovação e tecnologias.

Perceber esse espaço de construções como suporte, para as novas experiências, que estão surgindo, e pela repercussão positiva das famílias na escola como parceiros dos processos de aprendizagem, como também o compromisso de garantir que as crianças estejam reconhecendo e formando a sua identidade racial através das narrativas etnocentradas, como o projeto das Mulheres Cientistas, capazes de construir uma história com muita envolvimento para falarmos sobre Educação antirracista potente.

## **10. AVALIAÇÃO**

A avaliação ocorreu de forma contínua e formativa, considerando a curiosidade e o envolvimento das crianças nas experiências, a capacidade de observar, formular hipóteses e participar coletivamente, as produções e registros realizados, bem como as interações estabelecidas com colegas, professores e famílias. Todas essas observações foram sistematicamente registradas em portfólios e diários de bordo, compondo uma documentação pedagógica que subsidiou reflexões coletivas, ajustes nas práticas e processos de autoavaliação docente ao longo de todo o percurso.

---

## **11. RESULTADOS ALCANÇADOS**

- Fortalecimento do protagonismo infantil e da escuta ativa.
- Ampliação do repertório cultural e científico das crianças.
- Maior visibilidade das contribuições das mulheres negras na ciência.

- Desenvolvimento de práticas de iniciação científica adaptadas à Educação Infantil.
  - Integração efetiva entre arte, cultura, ciência e tecnologia.
  - Envolvimento significativo das famílias e fortalecimento dos laços com a comunidade.
  - Consolidação da EMEI Dom Luiz de Nadal como referência municipal em práticas antirracistas e inovadoras.
- 

## **12. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O desenvolvimento do projeto “Cultura, Arte e Orgulho 2025 – Mulheres Negras e Suas Grandes Contribuições na Ciência”, integrado às práticas de Iniciação Científica da EMEI Dom Luiz de Nadal; reafirmou a potência da educação infantil como espaço legítimo de produção de conhecimento, valorização identitária e formação para a cidadania. Ao longo do ano, as crianças das oito turmas, mediadas por suas professoras, pelas orientadoras dos grupos e pelos setores de Inovação Tecnológica e ERER, vivenciaram experiências que ampliaram seus modos de pensar, sentir e interpretar o mundo. A aproximação com a ciência desde a infância, articulada às discussões étnico-raciais, mostrou-se um caminho potente para desconstruir estereótipos históricos e promover, de forma sensível e rigorosa, o reconhecimento de mulheres negras como protagonistas na construção do conhecimento científico.

As vivências desenvolvidas permitiram que as crianças exercitem a curiosidade, a investigação e o pensamento crítico, compreendendo que pesquisar é observar, perguntar, testar ideias e compartilhar descobertas. Ao mesmo tempo, o contato com a trajetória de cientistas negras ampliou repertórios culturais, reforçou a representatividade e fortaleceu vínculos afetivos com a ciência como campo possível e acessível a todas as infâncias. As apresentações mensais, os jogos criados pelas turmas, as experiências práticas e as interações entre grupos e

famílias evidenciaram o caráter colaborativo do trabalho e sua capacidade de mobilizar toda a comunidade escolar.

A articulação entre metodologias ativas, documentação pedagógica, literatura, tecnologias digitais e materialidades afro-brasileiras, africanas e indígenas consolidou um percurso formativo que valorizou a escuta e autoria das crianças e dos docentes. O trabalho também evidenciou a importância do planejamento coletivo, do estudo contínuo e da transversalidade das Leis 10.639/03 e 11.645/08, que seguem orientando o compromisso ético e político da escola com uma educação antirracista.

Concluimos que o projeto alcançou seu objetivo maior: integrar ciência, cultura e identidade de forma viva e significativa, fortalecendo o protagonismo infantil e reafirmando o papel da escola como espaço de conhecimento, diversidade e transformação social. Mais do que resultados, ficam as marcas de um percurso que permitiu às crianças experimentar o mundo com encantamento e rigor, reconhecendo-se como pesquisadoras, criadoras e parte fundamental da história que constroem diariamente.

## 13. REFERÊNCIAS

### Legislação

- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.
- BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996.
- BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394/1996 para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 jan. 2003.

- BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008**. Altera a Lei nº 9.394/1996 para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 11 mar. 2008.
- BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília, DF: MEC/SECAD, 2004.
- BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília, DF: MEC/SEB, 2009.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2017.

#### **Obras teóricas**

- BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GOMES, Nilma Lino. **Educação, identidade negra e formação de professores**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2019.
- MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola**. Brasília, DF: MEC/UNESCO, 2005.
- PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança**. Rio de Janeiro: LTC, várias edições.
- VIGANO, R.; LAFFIN, M. **Gênero, infância e educação**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2019.

- VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, várias edições.